

I CONACSO - Congresso Nacional de Ciências Sociais: desafios da inserção em contextos c contemporâneos. 23 a 25 de setembro de 2015, UFES, Vitória - ES.

CAMPO BELO: O ENTENDIMENTO DE SI EM CONTO DE CONCEIÇÃO EVARISTO COMO METÁFORA DO PROCESSO DE DESCOLONIALIDADE

Joana d'Arc Batista Herkenhoff

Programa de Pós Graduação em Letras - UFES

Secretaria Municipal de Educação (Serra – ES)

Resumo: Trata-se de um diálogo com o conto “Isaltina Campo Belo” de Conceição Evaristo, do livro *Insubmissas lágrimas de mulher*, (2011), a fim de evidenciar o processo de autoentendimento vivido pela personagem como um processo de descolonialidade, a partir dos estudos de Rita Laura Segato (2010), Rocío Medina Martín (2010) e Betty Ruth Lozano Lerna (2011), especialmente no que se refere à interseccionalidade de questões de gênero e etnia nas situações de violência contra a mulher. O conto permite refletir sobre o modo como, em contextos pós-coloniais, a colonialidade se reproduz nas relações dos sujeitos, configurada em modos de se perceber e estar no mundo e se evidencia em construções discursivas e crenças a respeito de si e dos outros.

Palavras-chave: Descolonialidade; Interseccionalidade de gênero e etnia; Conceição Evaristo.

1. Considerações iniciais

Em *A câmara clara*, livro de 1980, Roland Barthes discorre sobre dois elementos identificados por ele na análise de fotografias: o *studium* e o *punctum*. No primeiro, a interpretação da foto é agenciada pelo conhecimento prévio do espectador (BARTHES, 1984, p.48). Já o *punctum*, como escreve Barthes, "não sou eu que vou buscá-lo (como invisto com minha consciência soberana o campo do studium), é ele que parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar" (p.46). Esses dois elementos possibilitam leituras diferentes, o *studium* permite uma interpretação mais racional, já o *punctum* cria uma relação de proximidade e envolvimento maiores com o objeto apreciado. Enquanto o *studium* está para o geral, o *punctum* está para o detalhe, para o particular, ele “[...] é também picada, pequeno buraco, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O punctum de uma foto é esse acaso que, nela, me punge [...]” (p.46).

Embora sejam essas categorias usadas pelo autor na apreciação de fotografias, nos apropriaremos da noção de *punctum* nesta análise textual, considerando que o

procedimento de análise realizado por Barthes de seu corpus imagético em muito se aproxima da leitura de um texto *stricto sensu*.

O *punctum*, imagem que nos fisgou na história da personagem Campo Belo, de *Insubmissas lágrimas de mulher*, da escritora afro-mineira Conceição Evaristo, foi um pequeno corte, uma incisão cirúrgica, que deixou entrever na dor, a coragem de uma menina negra de seis anos: em uma crise aguda de apendicite, diante da eminência da cirurgia, “intimamente sorria feliz” (p. 51) ¹, por vislumbrar a possibilidade do corte revelar sua “identidade secreta”. O “cortinho” (p. 51) inicial se dissemina de forma metafórica e metonímica por toda a narrativa, revelando, na fragilidade, a força do subalterno. O conto de Conceição Evaristo mostra-se oportuno pelo seu impactante conteúdo de realidade, por trazer, sem o alarde do panfleto, a história silenciosa e silenciada de um, dentre tantos outros sujeitos cuja identidade sexual/de gênero se constituiu em meio a atos de violências simbólicas, psicológicas e físicas.

Essa discussão mostra-se relevante na atualidade brasileira, quando se tem mobilizado uma “cruzada” ² para “tirar” dos Planos Municipais de Educação, a “ideologia de gênero” que ameaça a “tradicional família brasileira”, enquanto avultam formas de violências contra a mulher, emblematizadas nos adesivos usados para protestar contra a alta do preço da gasolina, veiculados na internet, com uma montagem feita com a imagem da presidenta, que fazia coincidir órgão sexual com o orifício de injetar o combustível.

A imagem do corte será nosso mote por estar latente (presente-ausente) em diversos momentos da vida de Campo Belo, como signo do feminino, do ser mulher, da violência sexual, da ruptura, das margens e das costuras, mas, sobretudo como signo de resistência do subalterno, que revela, na sua fraqueza, a força. Compreende-se aqui o subalterno, na acepção de Spivak, como aquele que pertence “às camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (p.12).

Os estudos de Rita Laura Segato (2010), Rocío Medina Martín (2010) e Betty Ruth Lozano Lerna (2011) por buscarem contemplar vozes e práticas excluídas de sujeitos subalternos femininos, pós-coloniais, latino-americanos e abordarem a interseccionalidade

¹ A partir dessa nota, as referências a essa obra serão feitas apenas com indicação de página: p.

² Para maiores informações, Cf. <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/06/1647528-por-pessao-planos-de-educacao-de-8-estados-excluem-ideologia-de-genero.shtml>.

entre as categorias de raça, sexualidade, gênero e classe social, servirão para iluminar o diálogo com o texto de Conceição Evaristo.

Ficção e realidade: sem cortes

Então, as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou o não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência. (p. 9)

Conceição Evaristo é conhecida por seu método de escrita, a “escrevivência”, que é exatamente “escrever com”, em vez de “escrever sobre”. As palavras em epígrafe, retiradas da página de abertura do seu livro, expõem esse processo de escrita fronteiriça que se dá no “entrelugar”, “Entre o acontecimento e a narração do fato”, entre o real e a ficção. Ciente de que a verdade neutra não existe em absoluto, defende que escrever é se comprometer (ou não).

“Isaltina Campo Belo” é uma dentre as 13 vozes de mulheres negras, com histórias marcadas por violências, que rompem o silêncio e contam suas histórias a uma semelhante que colhe seus testemunhos e os lança à página para serem colhidos, acolhidos por quem os ler (do latim, *legere*: colher, recolher) e passar adiante, como fazemos agora: difícil será calar-se após a escuta de tais histórias.

Em vez de adotar a primeira pessoa e falar pela personagem, a narradora, em um breve e caloroso prólogo, apresenta Campo Belo “como ela gostava de ser chamada” (p. 49) ao leitor e, ambos (autora e leitor) colocam-se à escuta da voz da mulher que passa a contar sua história.

Essa manutenção da situação de oralidade na feitura dos contos é importante por permitir a identificação das personagens como mulheres negras em uma situação de recolha de testemunhos. Essa estratégia é atribuída, por Maria Carolina de Godoy (2013), à história de vida de Conceição, que em sua infância ouvia muitas histórias e causos e também a uma forma da escritora preservar a tradição africana, “como conhecedora de sua tradição de mulher negra”.

A apropriação do testemunho feminino como fórmula narrativa vem ao encontro da necessidade de revalorização desse gênero que, segundo Cláudia Costa Lima (2012), não por acaso, exatamente quando passa a ser habitado por sujeitos subalternos femininos pós-coloniais, tem perdido sua aura, revelando um “curioso desencanto, por parte dos

intelectuais latino-americanos e latinoamericanistas, com as promessas do testemunho como gênero literário excêntrico dos anos de lutas pela democracia na América Latina” (p. 51).

Ao escolher um gênero subalterno que desabilita o binarismo verdade e ficção, a autora encara o que Nilma Lino (2010) considera um dos desafios do intelectual negro que é

romper com estruturas opressoras, de construir novas categorias analíticas e literárias através da criação. Isso o impele a não somente incorporar a língua e as categorias colonizadoras ou hegemônicas, mas problematiza-las e apontar os seus limites. Com essa atitude, o intelectual assume as sua própria voz, a sua fala, a sua cultura e a do seu grupo racial. (p. 505.)

O corte cirúrgico: a revelação do ser interior

Ela dizia, com aparente calma, que talvez o médico precisasse fazer um ‘cortinho’ na minha barriga. Apesar da dor, eu quase sorria e desejava que tal fato acontecesse. Ali estava a minha chance. O médico iria descobrir quem eu era, lá por debaixo de mim, e contaria para todos. Então o menino que eu era, por debaixo de mim, e contaria para todos. Então, o menino que eu carregava e que ninguém via, poderia soltar as suas asa e voar feliz. (p. 49).

Campo Belo começa por dizer que desde criança se sentia diferente: “Nascida após um menino e uma menina, tive uma infância sem muitas dificuldades” (p. 49). Embora não pretendamos uma explicação da questão de gênero pela via da psicanálise, uma leitura possível é que aí estava colocada a primeira dificuldade, o primeiro desafio encontrado pela protagonista na constituição de sua identidade: em uma cultura que pensa por pares binários, provavelmente, os pais esperavam, após uma menina, um outro menino. Daí talvez o sentimento de diferença: para construir sua identidade, nega a irmã sua igual, em busca de uma referencia diferente para se constituir.

A despeito de suas dificuldades, a protagonista afirma que teve uma infância feliz, ela e os de sua família “eram muito conhecidos e bem aceitos” no lugar onde viviam (p. 50). Por que “aceitos”? Nas suas palavras, a sua dignidade de criança negra era alimentada por histórias familiares de conquista e resistência. Dessa forma, “só” uma dúvida a perseguia: “Eu me sentia menino e me angustiava com o fato de ninguém perceber.” (p. 50). A menina se espanta com o fato de que a mãe, como enfermeira, não identifique que ela é menino e, convencida de que a mãe sabe da sua diferença, tem como ela uma relação de amor e ódio, considerando-a sua algoz.

A menina Isaltina tinha o sentimento de que havia um menino dentro de si e nutria a crença de que solução para o seu conflito de daria pela via científica por meio da

intervenção cirúrgica. Uma solução simples para um problema considerado simples (simples, do latim *simplex*, com uma só dobra, ou sem dobra): a incisão cirúrgica desvelaria o que os outros não viam. Esse modo de pensar pode ser atribuído à persistência de um modo de pensar tributário do pensamento eurocêntrico positivista tão arraigado em culturas marcadas pela colonialidade, com sua crença na ciência como forma de redenção e *ex-plicação* (preservando a herança etimológica, com a acepção tirar as dobras, desdobrar, tirar para fora). Como esclarece Anibal Quijano, citado por Martín, “*el eurocentrismo no es la perspectiva cognitiva de los europeos exclusivamente o de los dominantes en el capitalismo mundial, sino del conjunto de los educados bajo su hegemonía.*” (2011, p. 60).

A epígrafe apresenta de forma tocante, a confiança que a menina tinha de que uma intervenção externa pudesse revelar aos outros a sua “identidade secreta”: a imagem do menino liberto, a soltar suas asas e voar feliz remete ao processo de transformação dos super-heróis. Na visão infantil percebe-se a perspectiva a presença do pensamento binário: dentro-fora, aparência-essência e a ideia da identidade como algo que está por debaixo (da pele) e que o corte, cuja dor se mostra secundária, seria útil para revelar a verdade que é interior, escondida, já que ninguém a vê.

Após a intervenção cirúrgica, entretanto, persiste o engano, pois o médico define Isaltina como “mais corajosa que muitos meninos” (p. 51), frustrando assim as expectativas de desvelamento, alimentadas pela menina.

A chegada do sangue da irmã

assim se deu: estávamos ela e eu numa entontecida brincadeira de sobe e desce das árvores, fugindo de meu irmão, que já havia completado os treze anos, quando percebi um filete de sangue escorrendo pela perna abaixo da minha irmã. Apavorada, gritei, pensando que ela tivesse se machucado no entrepernas. (p. 53)

Nesse episódio, destacado pela narradora no início e no final da sua narrativa, o corte se revela metonimicamente pelo seu efeito: o sangue que escorre e causa pavor na menina Isaltina. Arriscamos ler além do que está no texto, nas suas entrelinhas e entreditos. Ao que parece, o discurso de Campo Belo é construído pela autora como um discurso pudico, o uso do termo “entrepernas”, indicia uma fala (castrada?) e reprimida, resultado de uma criação marcada por valores machistas: a mãe não gostava que as meninas subissem em árvores. O subir em árvores deixa latente o seu sinônimo de conteúdo sexual: “trepar” e sua na interdição e punição simbólica com o sangue vertido, a interdição do sexo

às meninas (não será gratuita a retomada desse episódio por campo Belo, no momento em que faz uma síntese de sua história ao final da narrativa).

A protagonista convive toda a infância e adolescência com “a perene certeza” de que era diferente e com a sensação de estar “fora de lugar”, esse sentimento se acentua com a chegada da sua menstruação e com o “caminho diferente” de seus “desejos e afagos” (p. 54).

O corte violento: ainda a colonização de corpos de mulheres negras

“Cinco homens deflorando a inexperiência e a solidão do meu corpo.”

Os mais humilhantes detalhes morreram na minha garganta, mas nunca nas minhas lembranças. (p. 56)

A saída de casa é um movimento feito pelos heróis das narrativas, desde as populares até as canônicas (ou seria mais acertado dizer desde as populares, até se tornarem canônicas? A história de Ulisses era cantada pelos rapsodos e conhecida pelo povo até cair nas páginas do livro e receberem a chancela autoral de Homero e tomarem o destino do cânone). Esses movimentos, seja por meio de viagens ou fuga, podem ser compreendidos como busca interior, representando ritos de passagem para a vida adulta, importantes para o processo de construção da identidade.

Sentindo-se “estranha no ninho” (p. 54), a protagonista parte do seu mundo conhecido em busca de um outro espaço onde sua diferença se diluísse ou onde pudesse encontrar semelhantes, como ocorre ao patinho feio da fábula de Andersen que se descobre cisne. A saída de casa da protagonista do conto em análise, entretanto configura-se como uma fuga trágica: tal qual Édipo, foge do seu destino e o acaba encontrando. Fugindo de enfrentar o seu desejo enviesado em relação ao padrão do seu grupo familiar e social, ela acaba exatamente por encontrar de forma mais contundente essa diferença.

Até a saída de casa, na proteção do “clã” (p. 51), a protagonista vive a experiência comunitária que remete a ideia de mundo-aldeia, desenvolvida por Segato, *“la aldea, con su orden de estatus y sus solidaridad familista,”*. Nesse tempo-lugar da felicidade idílica da infância, pensava que seu “único” problema era se sentir menino. Quando adentra na cidade, na vivência em sociedade, seu problema, até então simples, revela-se complexo (palavra do mesmo radical de simples que significa: com dobras múltiplas), interseccionado à questão étnica e a outra não mencionada, a social, relacionada à

profissão, considerando certa representação eivada de preconceito que paira sobre as enfermeiras e que as discussões sobre gênero e enfermagem, brevemente pesquisadas, parecem não tanger. O namorado que a vítima, provavelmente não será imune a esse duplo preconceito, quando afirma: “tinha certeza do meu fogo, afinal eu era uma mulher negra” (p. 55).

O estupro, estratégia histórica de colonização de corpos negros em contextos coloniais, aqui ocorre como expediente perverso para conformá-lo ao padrão heteronormativo. Essa violência de gênero relatada no conto retrata um problema que se vem agravando na atualidade. Segundo Segato (2010), a humanidade testemunha “*un momento de tenebrosas innovaciones en las formas de ensañarse con los cuerpos femeninos y feminizados, un ensañamiento que se difunde y se expande sin contención*”. A autora apresenta números contundentes da violência contra as mulheres em nosso continente e em outros lugares e adverte que

La rapiña que se desata sobre lo femenino se manifiesta tanto en formas de destrucción corporal sin precedentes como en las formas de tráfico y comercialización de lo que estos cuerpos puedan ofrecer, hasta el último límite. La ocupación depredadora de los cuerpos femeninos o feminizados se practica como nunca antes y, en esta etapa apocalíptica de la humanidad, es expoliadora hasta dejar solo restos. (2010)

A frase lacônica apresentada na epígrafe é o que Campo Belo consegue, com esforço, verbalizar da violência sofrida. O ato só é nomeado uma vez no final da narrativa: “Eu, até então encarava o estupro como um castigo merecido, por não me sentir seduzida por homens.” (p. 57), quando Campo Belo supera a internalização da violência sofrida como castigo merecido.

O corte epistemológico: o processo de descolonialidade

“E foi então que eu me entendi mulher, igual a todas e diferente de todas que ali estavam” (p. 57).

Retomando o início da narrativa, a menina Isaltina acredita que o médico por meio do corte cirúrgico *des-cobriria* (p.51) o que estava oculto. Entretanto, ao final da narrativa, Campo Belo não usa esse mesmo verbo para se referir ao que processo que a leva a perceber que não há um menino dentro dela, que não se tratava de *descobrir* algo (palavra com forte carga simbólica em contextos marcados pela experiência colonial e pela colonialidade), mas sim de um processo interno de autoentendimento que implica em abandonar crenças e certezas internalizadas em relação ao par binário homem-mulher para

adentar na perspectiva que contempla o dual, o plural e o diverso: “Sim, eu podia me encantar por alguém e esse alguém podia ser uma mulher. Eu podia desejar minha semelhante, tanto quanto outras semelhantes minhas desejavam o homem.” (p.57).

A escolha do nome Miríades para a companheira de Campo Belo contribui para essa leitura. Por não trazer marcas de gênero masculino ou feminino e sim a marca gramatical do plural, carrega em si a conotação de pluralidade, diversidade, já que significa “Grande número indeterminado” sendo muito usado para nomear constelações: miríades de estrelas.

Tentativa de costura sem pretensão de sutura

Este estudo consistiu numa tentativa de dialogar com o conto “Isaltina Campo Belo”, a partir da perspectiva dos estudos pós-coloniais *lato sensu*, considerando que

A crítica pós-colonial, em suas variações, realiza uma revisão epistemológica das narrativas modernas que foram erigidas mediante o silenciamento das histórias de indivíduos e coletividades que, fora dos centros de poder, passavam por inexistentes; ou, o que é tão nocivo quanto, eram avaliadas do ponto de vista moral como inferiores e/ou inacabadas em comparação às narrativas (locais) europeias, tomadas como parâmetro, o que legitimou/legítima a prática (ilegítima) da colonização e as persistências do neo-colonialismo.” (2011, p. 134)

A história de Campo Belo, do seu processo de entendimento de si e a consequente assunção do desejo por uma semelhante pode ser compreendido como um processo de descolonialidade, considerando que “*Descolonizarse significa un desprendimiento epistémico del conocimiento europeo, pensar la propia historia, pensar la propia liberación pero con categorías propias, desde nuestras propias realidades y experiencias*”. (LERNA, 2010, p. 11)

Em contextos pós-coloniais, a colonialidade se faz presente nas relações, evidenciando-se em construções discursivas e crenças a respeito de si e dos outros. O conto analisado chama a atenção para a interseccionalidade de questões de gênero e etnia nas situações de violência contra a mulher, um grave problema da atualidade, Dessa forma, “*Ha que partir reconociendo que además de la colonización de los saberes y del ser, hay una colonización de los cuerpos; que aunque tiene que ver con la colonización del ser*” (LERNA, 2010, p. 11)”.

No artigo “*Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial*”, Rita Laura Segato, a partir de sua inserção e

participação na luta das comunidades indígenas, defende que as relações de gênero são modificadas historicamente pelo colonialismo e pela epistemologia da modernidade colonialidade e que a violência contra a mulher, cujo extremo é o feminicídio crescente, são decorrentes dessa mentalidade colonial persistente.

A autora reivindica um status central para a problemática da colonialidade de gênero nas reflexões decoloniais pelo seu poder de desestabilizar arranjos familiares, sociais das culturas subalternizadas com a sobreposição de suas relações de poder, aviltando homens e mulheres. A autora adverte que não basta

introducir el género como uno entre los temas de la crítica descolonial o como uno de los aspectos de la dominación en el patrón de la colonialidad, sino de darle un real estatuto teórico y epistémico al examinarlo como categoría central capaz de iluminar todos los otros aspectos de la transformación impuesta a la vida de las comunidades al ser captadas por el nuevo orden colonial moderno. (SEGATO, 2010)

Embora a autora em seu artigo aborde uma questão específica que são as infiltrações das relações de gênero da ordem colonial moderna nas relações de gênero do “mundo-aldeia”, enfocando os povos indígenas, a sua reflexão sobre binarismo dualidade, mostram-se especialmente importantes pra compreender o processo de entendimento de si no conto em análise, pois

El dualismo, como el caso del dualismo de género en el mundo indígena, es una de las variantes de lo múltiplo o, también, el dos resume, epitomiza una multiplicidad. El binarismo, propio de la colonial modernidad, resulta de la episteme del expurgo y la exterioridad construida, del mundo del Uno. (SEGATO, 2010)

Buscamos evidenciar o processo de auto-entendimento vivido pela personagem, como um processo de descolonialidade, em que a personagem, forte, insubmissa transforma os cortes em fendas, possibilidades de escapular da armadura conformada pelo paradigma binário para uma visão plural da vida, pois “*vivir de forma descolonial es intentar abrir brechas en un territorio totalizado por el esquema binario, que es posiblemente el instrumento más eficiente del poder.*” (SEGATO, 2010)

O texto se manifesta como uma forma de insurgência aos gêneros literários canônicos e seus temas habituais, desestabilizando binarismos como verdade e ficção, homem e mulher, interior, exterior, dentro-fora.

O texto de Conceição Evaristo é texto de fruição, no sentido barthesiano, é “aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta (talvez até um certo enfado), faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gestos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem.” (BARTHES, 1987, p. 21-22). Por meio desse diálogo buscamos fazer reverberar a

humanidade pulsante desse texto que projeta luz e sombra, na medida exata, sobre o drama da existência de Campo Belo em sua subalternidade de mulher negra, lésbica, recuperando, sem pedantismo e com forte apelo poético, essa condição: “Hoje, Miríades brinca de esconde-esconde-esconde em alguma galáxia.” Quiçá encontre por lá Macunaíma que também foi para o céu virar constelação.

Referências

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

_____. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

DUARTE, Eduardo de Assis. O *Bildungsroman* afro-brasileiro de Conceição Evaristo. *Revista Estudos feministas*, Florianópolis, v. 14. n.1 Jan./Apr. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000100017> Acesso: 13 jun. 2015.

EVARISTO, Conceição. *Insubmissas lágrimas de mulheres*. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

GODOY, Maria Carolina de. Recontando histórias em insubmissas lágrimas de mulheres, de Conceição Evaristo. 2013. Disponível em <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/recontando-historias-em-insubmissas-lagrimas-de-mulheres-de-conceicao-evaristo/>> Acesso em 18 jun. 2015.

GOMES, Nilma Lino. “Intelectuais negros e produção do conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira”. In: SOUSA SANTOS, Boaventura de & MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez: 2010. p. 492-516.

LERMA, Betty Ruth Lozano. El feminismo no puede ser uno porque las mujeres somos diversas. Aportes a un feminismo negro decolonial desde la experiencia de las mujeres negras del Pacífico colombiano”. *La manzana de la discordia*, Julio- Diciembre, 2010, vol. 5, n. 2, p. 7-24.

LIMA COSTA, Cláudia. Feminismo e tradução cultural. Disponível em <<http://www2.let.uu.nl/solis/psc/p/PVOLUMEFOUR/PVOLUMEFOURPAPERS/P4DELI MACOSTA.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2015.

MARTÍN, Rocío Medina. “Feminismos periféricos, feminismos-otros: una genealogía feminista decolonial por reivindicar”. *Revista internacional de Pensamiento Político - i Época*, vol. 8, 2013, p. 53-79.

MIGLIEVICH- RIBEIRO, Adelia Maria. A crítica pós-colonial a partir de Darcy Ribeiro: uma releitura de o povo brasileiro. *REALIS*. UFPE, vol. 1, n. 1, jan. 2011, p 134-146. Acesso em 18 jun. 2015.

SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: _____. Uma literatura nos trópicos. Ensaio sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 9-26.

SEGATO, Rita Laura. “Género y colonialidad: en busca de claves de lectura y de un vocabulario estratégico descolonial”. In: QUIJANO, Aníbal; NAVARRETE, Julio Mejía (Eds.). *La Cuestión Descolonial*. Lima: Universidad Ricardo Palma, 2010, p. 1-30.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.